STEPHEN KING

OUTSIDER

TRADUÇÃO
Regiane Winarski

Copyright © 2018 by Stephen King
Publicado mediante acordo com o autor através da The Lotts Agency.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
The Outsider

Capa e ilustração de capa
Will Staehle/ Unusual Corporation

Preparação
Ulisses Teixeira

Revisão
Renata Lopes Del Nero
Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

King, Stephen
The Outsider/ Stephen King; tradução Regiane Winarski. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Suma, 2018.

Título original: The Outsider.
ISBN 978-85-5651-067-9

1. Ficção de suspense 2. Ficção norte-americana I. Título.

18-14958 CDD-813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção de suspense: Literatura norte-americana 813

[2018]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Praça Floriano, 19, sala 3001 – Cinelândia
20031-050 – Rio de Janeiro – RJ
Telefone: (21) 3993-7510
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/editorasuma
instagram.com/editorasuma
twitter.com/suma_BR

Para Rand e Judy Holston

O pensamento só dá ao mundo uma aparência de ordem a alguém que seja fraco o bastante para se deixar convencer pelo que ele mostra.

Colin Wilson, "O país dos cegos"

A PRISÃO
14 DE JULHO

1

Era um carro sem nada de destaque, apenas um sedã americano qualquer com alguns anos de idade, mas o tipo dos pneus e os três passageiros deixavam claro o que o veículo era de verdade. Os dois na frente usavam uniformes azuis. O que estava no banco de trás vestia terno e era do tamanho de um armário. Dois garotos negros na calçada, um com um pé em um skate laranja velho, o outro com um verde-limão embaixo do braço, viram o carro entrar no estacionamento do Parque Recreativo Estelle Barga e se entreolharam.

Um disse:

— Tiras.

O outro respondeu, irônico:

— Não diga.

Eles se afastaram sem falar mais nada, dando impulso nos skates. A regra era simples: quando a polícia aparece, é hora de ir. A vida dos negros importa, seus pais tinham lhes ensinado, mas nem sempre para os policiais. No campo de beisebol, as pessoas começaram a gritar e a bater palmas ritmadas quando o Flint City Golden Dragons foi rebater na baixa da nona entrada, um ponto atrás do adversário.

Os garotos não olharam para trás.

2

Depoimento do sr. Jonathan Ritz (*10 de julho, 21h30, interrogado pelo detetive Ralph Anderson*)

Detetive Anderson: Sei que está abalado, sr. Ritz, é compreensível, mas preciso saber exatamente o que você viu esta noite.

Ritz: Nunca vou conseguir tirar da cabeça. Nunca. Acho que preciso de um remédio. Talvez um Valium. Eu nunca tomei nada assim, mas preciso de um agora. Meu coração parece que ainda está na garganta. Avise ao pessoal da perícia que, se encontrarem vômito no local, e acho que vão encontrar, é meu. E não tenho vergonha de admitir. Qualquer um teria colocado o jantar pra fora se visse uma coisa daquelas.

Detetive Anderson: Tenho certeza de que um médico vai prescrever alguma coisa para te acalmar quando terminarmos. Posso providenciar isso, mas, neste momento, preciso de você lúcido. Entende isso, não entende?

Ritz: Sim. Claro.

Detetive Anderson: Só me conte tudo que viu e vamos poder terminar essa conversa o quanto antes. Consegue fazer isso?

Ritz: Tudo bem. Saí para passear com o Dave por volta das seis da tarde. Dave é o nosso beagle. Ele janta às cinco. Minha esposa e eu jantamos às cinco e meia. Às seis, Dave está pronto para fazer as coisas dele, quer dizer, o número um e o número dois. Eu passeio com ele enquanto Sandy, minha esposa, lava a louça. É uma divisão justa de trabalho. Uma divisão justa de trabalho é muito importante no casamento, principalmente depois que os filhos cresceram, na nossa opinião. Estou fugindo do assunto, não estou?

Detetive Anderson: Tudo bem, sr. Ritz. Conte do seu jeito.

Ritz: Ah, pode me chamar de Jon. Não suporto “sr. Ritz”. Fico me sentindo igual ao biscoito. Era assim que as crianças me chamavam quando eu estava na escola, Ritz Cracker.

Detetive Anderson: Aham. Então você estava passeando com o cachorro…

Ritz: Isso mesmo. E quando ele sentiu um cheiro forte, acho que o cheiro de morte, tive que segurar a coleira com as duas mãos, apesar de Dave ser pequeno. Ele queria ir até o que estava farejando. O…

Detetive Anderson: Espere, volte um pouco. Você saiu de casa, na avenida Mulberry, 249, às seis horas…

Ritz: Pode ter sido um pouco antes. Dave e eu descemos a ladeira até o Gerald's, aquele mercado na esquina que vende uns produtos gourmet, depois subimos a rua Barnum e entramos no parque Figgis. É o que os adolescentes chamam de parque Foda. Eles acham que os adultos não sabem o que eles dizem, que não escutamos, mas nós escutamos, sim. Ao menos alguns de nós.

Detetive Anderson: Era a sua caminhada noturna habitual?

Ritz: Ah, às vezes mudamos um pouco para fugir do tédio, mas quase sempre terminamos no parque antes de irmos para casa, porque sempre tem muita coisa para o Dave farejar. Tem um estacionamento, mas àquela hora da noite está quase sempre vazio, a não ser que tenha alguns adolescentes jogando tênis. Não havia nenhum nesta noite, porque as quadras são de saibro, e tinha chovido mais cedo. A única coisa estacionada lá era uma van branca.

Detetive Anderson: Uma van comercial, você diria?

Ritz: Isso. Sem janelas, só uma porta dupla atrás. O tipo de van que empresas pequenas usam para transportar coisas. Podia ser uma Econoline, mas não tenho certeza.

Detetive Anderson: Tinha um nome de companhia escrito nela? Tipo Ar-condicionado do Sam ou Janelas do Bob? Alguma coisa assim?

Ritz: Não, hã-hã. Nadinha. Estava suja, isso eu notei. Não era lavada havia um tempo. E tinha lama nos pneus, provavelmente por causa da chuva. Dave farejou as rodas, e então fomos para um dos caminhos de cascalho no meio das árvores. Depois de uns quatrocentos metros, ele começou a latir e correu para os arbustos à direita. Foi quando farejou o odor. Quase arrancou a coleira da minha mão. Tentei puxá-lo de volta, mas ele

não queria vir, só se virou, cavou a terra e ficou latindo. Eu puxei ele para perto, porque tenho uma coleira retrátil, que é ótima para esse tipo de coisa, e fui atrás dele. Dave não dá muita bola para esquilos agora que não é mais filhote, mas achei que podia ter sentido cheiro de guaxinim. Eu ia fazer com que voltasse, querendo ou não, os cachorros precisam saber quem é que manda, só que nessa hora vi as primeiras gotas de sangue. Estavam em uma folha de bétula, mais ou menos na altura do meu peito, o que seria a um metro e meio do chão. Havia outra gota em uma folha mais à frente, e uma área maior de sangue em uns arbustos mais adiante. Ainda vermelho e úmido. Dave farejou os arbustos e quis ir além. E escuta, antes que eu esqueça, nessa hora ouvi um motor sendo ligado atrás de mim. Eu talvez não tivesse reparado, mas foi bem alto, como se o silenciador estivesse quebrado. Ficava meio que roncando, sabe como é?

Detetive Anderson: Aham, sei, sim.

Ritz: Não posso jurar que tenha sido a van branca, e não voltei por aquele caminho, então não sei se tinha ido embora, mas aposto que sim. E sabe o que isso significa?

Detetive Anderson: Me conte o que você acha que isso significa, Jon.

Ritz: Que ele podia ter ficado me observando. O assassino. Parado no meio das árvores me observando. Fico apavorado só de pensar. Quer dizer, agora. Na hora, eu estava concentrado no sangue. E em impedir que Dave arrancasse o meu braço fora. Eu estava ficando com medo, não me importo de admitir. Não sou um cara grande, e apesar de tentar me manter em forma, tenho sessenta anos. Mesmo aos vinte eu não era bom de briga. Mas tinha que ir ver. Para o caso de ter alguém ferido.

Detetive Anderson: Isso é muito louvável. Que horas você diria que eram quando viu o rastro de sangue pela primeira vez?

Ritz: Não olhei no relógio, mas acho que umas 18h20. Talvez 18h25. Deixei Dave ir na frente, mantendo a coleira curta para poder puxar pelos arbustos embaixo dos quais ele passava com aquelas perninhas. Você sabe o que dizem sobre beagles: os

padrões são altos, mas a estatura é baixa. Ele estava latindo feito louco. Nós chegamos a uma clareira, uma espécie de… não sei, uma espécie de refúgio onde namorados poderiam ficar de amassos por um tempo. Havia um banco de granito bem no meio, e estava coberto de sangue. Muito sangue mesmo. E tinha mais embaixo também. O corpo estava caído na grama ao lado do banco. Pobre garoto. A cabeça estava virada na minha direção, os olhos estavam abertos, a garganta não existia mais. Só havia um buraco vermelho. A calça jeans e a cueca estavam puxadas até os tornozelos, e vi uma coisa… um galho seco, acho… saindo do… do… bom, você sabe.

Detetive Anderson: Sei, mas preciso que diga para ficar registrado, sr. Ritz.

Ritz: Ele estava de bruços, e o galho estava saindo do traseiro dele. Também estava cheio de sangue. O galho. Parte da casca tinha sido arrancada, e tinha uma marca de mão. Consegui ver isso, claro como o dia. Dave não estava latindo mais, estava uivando, tadinho, e não sei quem faria uma coisa daquelas. Ele devia ser um maníaco. Você vai prender ele, detetive Anderson?

Detetive Anderson: Ah, sim. Vamos prender ele.

3

O estacionamento do Estelle Barga era quase tão grande quanto o do Kroger's, onde Ralph Anderson e sua esposa faziam compras nas tardes de sábado, e naquela noite de julho, estava lotado. Muitos dos para-choques tinham adesivos do Golden Dragons, e algumas janelas foram pintadas com slogans exuberantes: VAMOS ARRASAR; OS DRAGÕES VÃO FRITAR OS URSOS; CAP CITY, AÍ VAMOS NÓS; ESTE ANO É A NOSSA VEZ. Do campo, onde os holofotes tinham sido acesos (apesar de a luz do dia ainda não ter acabado por completo), vinham os gritos e os aplausos.

Troy Ramage, um veterano de vinte anos da força policial, estava atrás do volante do carro comum. Enquanto ia de uma fileira lotada de automóveis à outra, disse:

— Sempre que venho aqui, fico pensando quem foi Estelle Barga.

Ralph não respondeu. Seus músculos estavam contraídos, a pele estava quente e o coração parecia estar chegando ao extremo. Ele tinha prendido muitos malfeitores ao longo dos anos, mas agora era diferente. Era horrível em um nível diferente. E pessoal. Aquilo era o pior: era pessoal. Ele não devia estar participando da prisão e sabia disso, mas, depois do último corte orçamentário, só havia três detetives em tempo integral na polícia de Flint City. Jack Hoskins estava de férias, pescando em algum lugar no meio do nada e não fazia a menor falta. Betsy Riggins, que devia estar em licença-maternidade, estaria ajudando a Polícia Estadual com outro aspecto do trabalho daquela noite.

Ele esperava por Deus que não estivessem indo rápido demais. Expressara essa preocupação para Bill Samuels, o promotor público do condado de Flint, naquela mesma tarde, na reunião que antecederia a prisão. Samuels era um pouco jovem demais para a posição, só tinha trinta e cinco anos, mas fazia parte do partido político certo e era seguro de si. Não arrogante, mas definitivamente seguro de si.

— Ainda há umas pontas soltas que eu gostaria de aparar — falou Ralph. — Não temos todo o histórico. Além do mais, ele vai dizer que tem um álibi. A não ser que se entregue, não podemos ter certeza disso.

— Se ele disser que tem um álibi — respondeu Samuels —, vamos derrubá-lo. Você sabe que vamos.

Ralph não tinha dúvidas disso, ele sabia que estavam atrás do homem certo, mas ainda teria preferido um pouco mais de investigação antes de agir. Encontrar os buracos no álibi do filho da puta, abrir esses buracos um pouco mais, deixá-los largos o bastante para um caminhão passar, *depois* prendê-lo. Na maioria dos casos, esse teria sido o procedimento correto. Mas não nesse.

— Três coisas — disse Samuels. — Está pronto para elas?

Ralph assentiu. Ele tinha que trabalhar com aquele homem, afinal.

— Primeira coisa: as pessoas desta cidade, em especial os pais de filhos pequenos, estão apavoradas e furiosas. Querem uma prisão rápida para se sentirem seguras de novo. Segunda: as provas não deixam dúvidas. Nunca vi um caso tão amarrado. Não concorda comigo sobre isso?

— Concordo.

— Tudo bem, e agora vem a terceira coisa. A mais importante. — Samuels se inclinou para a frente. — Não podemos dizer se ele já fez isso antes, se bem que, se fez, acho que vamos acabar descobrindo quando começarmos a investigar mais fundo, mas, sem dúvida, ele fez agora. Explodiu. Passou dos limites. E quando isso acontece…

— Ele pode fazer de novo — disse Ralph.

— Exato. Não é o cenário mais provável tão pouco tempo depois de Peterson, mas é possível. Ele passa o dia inteiro com crianças, caramba. Garotos novos. Se matasse um deles, a gente perder o emprego nem seria o mais importante. Não conseguiríamos nos perdoar.

Ralph já estava tendo dificuldade de se perdoar por não ter percebido antes. Era um pensamento irracional, não dava para encontrar um sujeito em um churrasco depois do final da temporada de jogos da Liga Infantil e saber que ele estava planejando um ato inimaginável — cortejando a ideia, alimentando-a e vendo-a crescer —, mas a irracionalidade não mudava o sentimento.

Agora, inclinado entre os dois policiais no banco da frente, Ralph disse:

— Ali. Tente as vagas de deficientes.

Do banco do passageiro, o policial Tom Yates disse:

— A multa é de duzentos dólares para isso, chefe.

— Acho que vão deixar passar dessa vez — disse Ralph.

— Eu estava brincando.

Ralph, sem humor para uma resposta atravessada, não falou nada.

— Vagas de aleijado à frente — disse Ramage. — Temos duas vagas.

Ele entrou em uma delas, e os três homens saíram. Ralph viu Yates soltar a tira que prendia o cabo da Glock e balançou a cabeça.

— Perdeu a cabeça? Deve ter umas mil e quinhentas pessoas no jogo.

— E se ele correr?

— Você pega ele.

Ralph se encostou no capô do carro e ficou olhando os dois policiais de Flint City saírem na direção do campo, dos holofotes e das arquibancadas lotadas, onde as palmas e os gritos estavam ficando mais altos e intensos. Prender o assassino de Peterson rápido foi uma decisão que ele e Samuels tomaram juntos (ainda que com relutância). Prendê-lo no jogo foi uma decisão apenas de Ralph.

Ramage olhou para trás.

— Você vem?

— Não. Façam o que têm que fazer, leiam os direitos dele certinhos e bem alto e depois tragam ele para cá. Tom, quando formos embora, você vai no banco de trás com ele. Vou na frente com Troy. Bill Samuels está esperando minha ligação, e vai estar na delegacia quando chegarmos lá. Tem que ser trabalho de primeira até o final. Mas a prisão é toda de vocês.

— O caso é seu — disse Yates. — Por que não ia querer prender o filho da puta você mesmo?

Ainda de braços cruzados, Ralph disse:

— Porque o homem que estuprou Frankie Peterson com um galho de árvore e arrancou a garganta dele treinou meu filho por quatro anos, dois na Liga Mirim e dois na Liga Infantil. Ele botou as mãos no meu filho para mostrar como segurar um bastão, e não confio em mim mesmo.

— Saquei, saquei — disse Troy Ramage. Ele e Yates foram para o campo.

— E escutem, vocês dois.

Eles se viraram.

— Algemem o cara lá mesmo. Com as algemas na frente do corpo.

— Não é o protocolo, chefe — disse Ramage.

— Eu sei e não ligo. Quero que todo mundo veja ele ser levado algemado. Entenderam?

Quando a dupla estava a caminho, Ralph tirou o celular do cinto. Betsy Riggins estava na lista de discagem rápida.

— Está em posição?

— Estou, sim. Estacionada na frente da casa dele. Eu e quatro policiais estaduais.

— Mandado de busca?

— Na minha mão.

— Ótimo. — Ele estava prestes a desligar quando outra coisa lhe ocorreu. — Betsy, qual é a data prevista do parto?

— Ontem — disse ela. — Então anda logo com essa merda — completa, desligando.

4

Depoimento da sra. Arlene Stanhope (*12 de julho, 13h, interrogada pelo detetive Ralph Anderson*)

Stanhope: Isso vai demorar, detetive?

Detetive Anderson: Nem um pouco. Só me conte o que viu na tarde de terça-feira, 10 de julho, e terminamos.

Stanhope: Tudo bem. Eu estava saindo do Gerald's Fine Groceries. Sempre faço compras lá às terças. As coisas são mais caras no Gerald's, mas não vou ao Kroger desde que parei de dirigir. Desisti da habilitação um ano depois que o meu marido morreu, porque não confio mais nos meus reflexos. Sofri dois acidentes. Só coisa leve, sabe, mas foi o suficiente para mim. O Gerald's fica a dois quarteirões do prédio onde moro desde que vendi a casa, e o médico diz que caminhar faz bem para mim. É bom para o coração. Eu estava saindo com três sacolas no meu carrinho, porque só consigo comprar três sacolas agora, os preços estão terríveis, principalmente a carne, nem sei qual foi a última vez que comprei bacon, e vi o garoto Peterson.

Detetive Anderson: Tem certeza de que foi Frank Peterson que viu?

Stanhope: Ah, sim, era Frank. Pobre coitado, sinto tanto pelo que aconteceu com ele, mas o garoto está no céu agora, e a dor dele acabou. Esse é o consolo. Há dois garotos Peterson, você sabe, ambos ruivos, e daquele ruivo cenoura horroroso, mas o maior, acho que o nome dele é Oliver, é pelo menos cinco anos mais velho. Ele entregava o nosso jornal. Frank tem uma bicicleta, uma daquelas com guidão alto e selim estreito…

Detetive Anderson: O nome é banco banana.

Stanhope: Isso eu não sei, mas sei que era verde-limão, uma cor horrível, e tinha um adesivo no assento. Dizia Flint City High. Só que ele nunca vai chegar ao ensino médio, não é? Pobre, pobre garotinho.

Detetive Anderson: Sra. Stanhope, quer fazer uma pausa?

Stanhope: Não, quero terminar. Preciso ir para casa dar comida para a minha gata. Sempre dou a comida dela às três, ela deve estar com fome. E também vai querer saber por onde andei. Você tem um lenço de papel? Sei que estou péssima. Obrigada.

Detetive Anderson: Você viu o adesivo no banco da bicicleta de Frank Peterson porque…?

Stanhope: Ah, porque ele não estava sentado nela. Estava empurrando a bicicleta pelo estacionamento do Gerald's. A corrente estava arrebentada, arrastando no chão.

Detetive Anderson: Você reparou o que ele estava vestindo?

Stanhope: Uma camiseta de banda de rock. Não conheço as bandas e não sei dizer qual era. Desculpe se isso for importante. E usava um boné do Rangers. Estava virado para trás, e dava para ver o cabelo ruivo. Os ruivos costumam ficar carecas bem cedo, sabe. Mas agora ele não vai precisar se preocupar com isso, vai? Ah, é tão triste. Bom, tinha uma van branca suja parada no lado mais distante do estacionamento, e um homem saiu e foi até Frank. Ele estava…

Detetive Anderson: Já vamos chegar nesse ponto, mas antes quero saber da van. Era do tipo sem janelas?

Stanhope: Era.

Detetive Anderson: Sem nada escrito? Nenhum nome de empresa nem nada do tipo?

Stanhope: Não que eu tenha visto.

Detetive Anderson: Certo, vamos falar sobre o homem. Você o reconheceu, sra. Stanhope?

Stanhope: Ah, claro. Era Terry Maitland. Todo mundo no West Side conhece o Treinador T. Chamam ele assim até no ensino médio. Ele dá aula de inglês lá, sabe. Meu marido deu aula com ele antes de se aposentar. Chamam ele de Treinador T porque Terry treina a Liga Infantil, depois o time de beisebol da Liga da Cidade quando a Infantil acaba, e no outono treina garotinhos que gostam de jogar futebol americano. Tem um nome para essa liga também, mas não lembro.

Detetive Anderson: Se pudermos voltar para o que viu na terça à tarde…

Stanhope: Não tenho muito mais a contar. Frank falou com o Treinador T e mostrou a corrente quebrada. O Treinador T assentiu e abriu a parte de trás da van branca, que não podia ser dele…

Detetive Anderson: Por que diz isso, sra. Stanhope?

Stanhope: Porque tinha uma placa laranja. Não sei de que estado seria, a minha visão de longe não é mais o que era, mas sei que as nossas placas de Oklahoma são azuis e brancas. Não consegui ver nada na traseira da van além de uma coisa verde e comprida que parecia uma caixa de ferramentas. Era uma caixa de ferramentas, detetive?

Detetive Anderson: O que aconteceu depois?

Stanhope: Bom, o Treinador T colocou a bicicleta de Frank na parte de trás e fechou a porta. Deu um tapinha nas costas do menino. Em seguida, foi até o banco do motorista, e Frank foi para o lado do passageiro. Os dois entraram, e a van foi embora pela avenida Mulberry. Achei que o treinador ia levar o garoto para casa. Claro que achei. O que mais eu pensaria? Terry Maitland mora no West Side há vinte anos, tem uma família ótima, esposa e duas filhas… posso pegar outro lenço, por favor? Obrigada. Estamos acabando?

Detetive Anderson: Sim, e a senhora já me ajudou bastante. Acredito que, antes de eu começar a gravar, você tenha dito que isso foi por volta das três horas?

Stanhope: Às três em ponto. Ouvi o sino no relógio da prefeitura batendo a hora assim que saí com o meu carrinho.

Detetive Anderson: O garoto que você viu, o ruivo, era Frank Peterson.

Stanhope: Era. Os Peterson moram logo na esquina. Ollie entregava o meu jornal. Vejo esses garotos o tempo todo.

Detetive Anderson: E o homem, o que pôs a bicicleta na parte de trás da van branca e saiu dirigindo com Frank Peterson, era Terence Maitland, também conhecido como treinador Terry ou Treinador T.

Stanhope: Sim.

Detetive Anderson: Você tem certeza disso?

Stanhope: Ah, tenho.

Detetive Anderson: Obrigado, sra. Stanhope.

Stanhope: Quem acreditaria que Terry faria uma coisa dessas? Você acha que houve outros?

Detetive Anderson: Pode ser que isso seja descoberto ao longo da nossa investigação.

5

Como todos os jogos do torneio da Liga da Cidade aconteciam no campo Estelle Barga, o melhor campo de beisebol do condado e o único com iluminação para jogos noturnos, a vantagem do time da casa era decidida na moeda. Terry Maitland pediu coroa antes do jogo, como sempre fazia (era uma superstição passada pelo treinador dele na Liga da Cidade, no passado), e deu coroa. "Não ligo para onde vamos jogar, só gosto de escolher atacar depois", sempre dizia para os garotos.

E naquela noite ele precisava atacar depois. Era a baixa da nona entrada, o Bears indo para a semifinal da liga por uma corrida. O Golden Dragons estava na última bola fora, mas estavam com as bases ocupadas. Uma caminhada de uma base à outra por bola fora, um arremesso errado, um erro ou uma rebatida simples deixariam as equipes empatadas, mas uma bola jogada em uma área sem jogador nenhum daria a vitória aos Dragons. Os torcedores estavam batendo palmas e os pés na arquibancada de metal e gritando quando o pequeno Trevor Michaels entrou na área esquerda do rebatedor. O capacete dele era o menor que existia, mas ainda cobria os olhos, e o menino ficava tendo que empurrar para cima. Ele balançou o bastão com nervosismo de um lado para outro.

Terry considerara substituir o garoto, mas, com dois centímetros acima de um metro e meio, ele conseguia fazer muitas bases por bolas. E apesar de não ser rebatedor de home run, ele às vezes conseguia acertar o taco na bola. Não com frequência, mas às vezes. Se o treinador o substituísse, o pobre garoto teria que viver com a humilhação pelo ano seguinte inteiro.

Se, por outro lado, conseguisse um único acerto, ele relembraria do feito em churrascos com uma cerveja na mão pelo restante da vida. Terry sabia. Já tinha passado por isso uma vez, nos velhos tempos, antes de o beisebol ser jogado com bastões de alumínio.

O arremessador do Bears — um jogador típico de fim de jogo, com um arremesso poderoso — se preparou e jogou uma bola bem no coração do *home plate*. Trevor viu a bola passar com uma expressão de consternação. O juiz declarou o primeiro strike. A plateia reagiu.

Gavin Frick, o treinador assistente de Terry, estava andando de um lado para outro na frente dos garotos no banco, a tabela de pontuação do jogo enrolada na mão (quantas vezes Terry pediu para ele não fazer isso?) e a camiseta XXG do Golden Dragons esticada em cima da sua barriga que era no mínimo XXXG.

— Espero que ter deixado Trevor rebater não tenha sido um erro, Ter — disse ele. O suor lhe escorria pelas bochechas. — Ele parece estar morrendo de medo, e não acho que conseguiria rebater a bola veloz daquele garoto nem com uma raquete de tênis.

— Vamos ver o que vai acontecer — falou Terry. — Estou com um bom pressentimento. — Na verdade, não estava.

O arremessador do Bears se preparou e soltou outra bola poderosa, mas essa caiu na terra na frente do *home plate*. A torcida ficou de pé quando Baibir Patel, o jogador do Dragons que estava na terceira base, tentou dar alguns passos no campo. Contudo, os torcedores se sentaram, grunhindo, quando a bola caiu na luva do apanhador. O apanhador do Bears se virou para a terceira base, e Terry conseguiu ler a expressão dele, mesmo através da máscara: *Pode tentar, garoto*. Baibir não tentou.

O arremesso seguinte foi lento, mas Trevor errou mesmo assim.

— Acaba com ele, Fritz! — gritou um sujeito de pulmões fortes do alto da arquibancada, quase com certeza o pai do arremessador, pelo jeito como o garoto virou a cabeça naquela direção. — Acaba com *eleeeee*!

Trevor não tentou rebater o arremesso seguinte, que passou perto, perto demais, até. O juiz considerou que a bola não estava na zona de strike, e, dessa vez, foram os torcedores do Bears que grunhiram. Alguém sugeriu que o juiz precisava de óculos. Outro torcedor falou sobre um cão-guia.

Estava dois a dois agora, e Terry tinha a forte sensação de que a temporada do Dragons dependia do próximo arremesso. Ou eles jogariam com o Panthers pelo campeonato da cidade e poderiam competir no estadual, jogos que eram até televisionados, ou voltariam para casa e se reuniriam mais uma vez no churrasco na casa dos Maitland, que costumava marcar o fim da temporada.

Ele se virou para olhar para Marcy e as garotas, sentadas onde sempre ficavam, em cadeiras dobráveis atrás da tela do *home plate*. Suas filhas estavam de ambos os lados da mãe, como lindos guardadores de livro. As três mostraram os dedos cruzados para ele. Terry deu uma piscadela e um sorriso e mostrou dois polegares para cima, apesar de ainda estar com a sensação de haver alguma coisa errada. Não era só o jogo. Ele estava com a sensação de ter alguma coisa errada havia algum tempo agora. Algo não estava certo.

O sorriso de Marcy virou uma expressão confusa. Ela olhava para a esquerda e apontou nessa direção com o polegar. Terry se virou e viu dois policiais andando juntos pela linha da terceira base, passando por Barry Houlihan, que estava orientando os seus garotos de lá.

— *Tempo, tempo* — gritou o juiz do *home plate*, parando o arremessador do Bears na hora que ele começava a se preparar. Trevor Michaels saiu da área do rebatedor com uma expressão de alívio, pensou Terry. A torcida estava em silêncio e olhava para os policiais. Um deles levava a mão às costas. O outro tocava o cabo da arma.

— *Fora do campo!* — gritou o juiz. — *Fora do campo!*

Troy Ramage e Tom Yates o ignoraram. Foram até o banco do Dragons, uma coisa improvisada com uma bancada comprida, três cestas de equipamento e um balde com bolas sujas de treino, e direto até onde Terry estava. Da parte de trás do cinto, Ramage tirou uma algema. Os torcedores viram e começaram um murmúrio que era em parte confusão e em parte empolgação: *Oooooh*.

— Ei, caras! — disse Gavin, se aproximando (e quase tropeçando na luva de Richie Gallant, esquecida no chão). — Temos que terminar o jogo!

Yates o empurrou para trás e balançou a cabeça. Os torcedores estavam em silêncio total agora. O Bears abandonou a postura tensa da defensiva e estava só assistindo, as luvas penduradas nas mãos. O apanhador correu

até o arremessador, e eles ficaram parados juntos entre o montículo e o *home plate*.

Terry conhecia um pouco o homem que segurava a algema; ele, às vezes, ia com o irmão assistir aos jogos de futebol americano no outono.

— Troy? O que está acontecendo? O que houve?

Ramage não viu nada no rosto do homem além do que parecia uma perplexidade honesta, mas ele era policial desde os anos 90 e sabia que os piores aperfeiçoavam aquela expressão de *Quem, eu?* como se fosse uma ciência. E aquele cara era do pior tipo. Lembrando-se das instruções de Anderson (e não se importando nem um pouco em obedecê-las), ele ergueu a voz para poder ser ouvido por toda a plateia, que o jornal do dia seguinte anunciaria como sendo de 1588 pessoas.

— Terence Maitland, você está preso pelo assassinato de Frank Peterson.

Outro *Oooooh* das arquibancadas, dessa vez mais alto, o som de um vento crescente.

Terry franziu a testa para Ramage. Entendeu as palavras, eram palavras simples que formavam uma frase simples. Ele sabia quem Frankie Peterson era e o que tinha acontecido com o garoto, mas o *significado* das palavras lhe fugia. Só conseguiu dizer:

— O quê? Você está de brincadeira?

E foi nessa hora que o fotógrafo esportivo do *Flint City Call* tirou a foto dele, a que apareceu na primeira página no dia seguinte. Sua boca estava aberta, seus olhos, arregalados, seu cabelo saía pelas beiradas do boné do Golden Dragons. Na foto, ele parecia ao mesmo tempo debilitado e culpado.

— *O que* você disse?

— Estique os pulsos, por favor.

Terry olhou para Marcy e as filhas, ainda sentadas nas cadeiras atrás da grade de arame, olhando para ele com expressões idênticas de surpresa congelada. O horror viria depois. Baibir Patel saiu da terceira base e começou a andar em direção ao banco, tirando o capacete e exibindo o cabelo preto suado, e Terry viu que o garoto estava começando a chorar.

— Volte pra lá! — gritou Gavin para ele. — O jogo ainda não acabou.

Porém, Baibir só ficou parado no território de falta, olhando para Terry e chorando. O homem olhou para o garoto, seguro (*quase* seguro) de que